

# A PROMOÇÃO DA IGUALDADE NA ESCOLA DE ADULTOS – O SABER UNIVERSAL PRESENTE EM CADA UM

*Alaide Emilia Dourado Oliveira (UNR)\**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5809-2695>

*Dr. Diego Beltran(UNR)\*\**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-64491019>

## RESUMO

Este artigo trata das dificuldades e dos desafios que os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrentam no processo de ruptura com a escola. Os seus relatos de vida trazem experiências da infância na escola, recordações que marcaram suas vidas nesse espaço, mas que por alguma razão tiveram que abandonar. A etnografia é empregada na pesquisa aqui apresentada por constituir um método próprio das Ciências Sociais, utilizado por investigadores que buscam aprofundar suas pesquisas através da observação, da entrevista em profundidade. A ciência é identificada na interpretação do entrevistador e no desentranhar das declarações feitas pelo entrevistado. O objetivo do trabalho apresentado neste artigo foi resgatar relatos de vida de alunos da EJA da escola Educandário Roberto Figueira Santos, em Iraquara, Bahia, identificando conhecimentos acumulados pelo saber universal que cada um deles possui, apesar da descontinuidade no processo de ensino-aprendizagem. As vivências e a experiência de vida dos jovens e adultos público da EJA trazem um grande conhecimento que precisa ser levado em conta no currículo dessa modalidade de ensino, a fim de evitar a sua infantilização e a evasão escolar. O saber universal que cada aluno da EJA possui não é fruto do conhecimento presente nos livros, mas sim do conhecimento acumulado com a experiência, aquele que a vida, a muito custo, lhes proporcionou.

**Palavras chave:** EJA; relatos de vida; saber universal; experiência de vida.

---

\* Doutoranda pela Universidad Nacional de Rosario, Facultad de Humanidades y Artes Escuela de Posgrado Cohorte Especial, Doctorado en Ciencias de la Educación. Graduada em Pedagogia pela UNEB (Universidade Estadual da Bahia). Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Ciências da Bahia. Especialista em Psicopedagogia pela Escola de Engenharia de Agrimensura. Especialista em Educação Universitária pela Faculdade ImesMercosur. E-mail: [alaidemilia@gmail.com](mailto:alaidemilia@gmail.com)

\*\* Profesor universitario de enseñanza media y superior en Historia, expedido por la facultad de humanidades y artes UNR, 1994. Doctor en humanidades y artes con Mencion en Historia, Facultad de Humanidades y Artes, 2003. Certificado de posdoctoración: Modalidad Proyecto de Investigación Posdoctoral, 23 de mayo de 2016. E-mail: [diegoabeltran@yahoo.com.ar](mailto:diegoabeltran@yahoo.com.ar)

## ABSTRACT

### THE EQUALITY PROMOTION IN ADULT SCHOOL - THE UNIVERSAL KNOWLEDGE EVERYONE HAS

This article discusses the difficulties and challenges that students of Youth and Adult Education (YAE) face in the process of school dropout. Their life stories bring childhood experiences at school, memories that marked their lives in that place, but that for some reason they had to abandon. Ethnography is used in the research presented here because it constitutes a specific method to Social Sciences, applied by researchers who aim to deepen their research through observation, in-depth interview. Science is identified in the interviewer's interpretation and in the detachment of the statements made by the interviewee. The purpose of the work presented in this article was to retrieve life reports of YEA students from Educandário Roberto Figueira Santos in Iraquara, Bahia. It also aimed to identify knowledge accumulated by the universal knowledge that each of them has, despite the discontinuity in the teaching-learning process. The experiences and life background of young people and adults at the YEA program carry knowledge that needs to be considered in the curriculum of this education modality, in order to avoid the infantilizing and school dropout. The universal knowledge that each YEA student has is not the result of the knowledge present in the books, but from the knowledge accumulated during their lives provided by their experiences. **Keywords:** EJA; life reports; universal knowledge; life experience.

## RESUMEN

### LA PROMOCIÓN DE LA IGUALDAD EN LA ESCUELA DE ADULTOS - EL SABER UNIVERSAL PRESENTE EN CADA UNO

El artículo aquí presentado describe las dificultades y desafíos encontrados por los alumnos de la EJA (Educación de Jóvenes y Adultos) en su proceso de ruptura con la escuela. A través de relatos de vida cuentan experiencias de la infancia con la escuela, recuerdos que marcaron sus vidas en este espacio, pero que por alguna razón tuvieron que evadir. La etnografía es empleada en esta investigación por ser un método específico de las Ciencias Sociales utilizado por investigadores que desean profundizar en su investigación a través de la observación, de la entrevista en profundidad, la ciencia es identificada en la interpretación del entrevistador y en el esclarecimiento de las declaraciones aportadas por el entrevistado. El objetivo de este trabajo es rescatar relatos de vida de alumnos de la EJA de la escuela Educandario Roberto Figueira Santos en Iraquara, Bahia, identificando conocimientos acumulados por el conocimiento universal presente en cada uno, a pesar de los problemas de discontinuidad en el proceso de enseñanza aprendizaje. Las vivencias y experiencias de vida de los jóvenes y adultos, público de la EJA están dotadas de un gran conocimiento que es necesario tener en cuenta en el currículo de esta modalidad para evitar la infantilización de la enseñanza

y la deserción escolar. El conocimiento universal presente en cada estudiante de la EJA es el resultado del conocimiento acumulado por la experiencia de vida, no el conocimiento presente en los libros, sino el que la vida, a gran costo, les proporcionó.

**Palabras claves:** EJA; relatos de vida; conocimiento universal; experiência de vida.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo é discutida a modalidade de ensino EJA e seu público, formado de pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na idade prevista, devido à dificuldade de compatibilizar trabalho, família e escola. Os alunos da EJA possuem diferentes perfis. Alguns dispõem de tempo livre, o que lhes permite retomar os estudos, como é o caso dos aposentados. Atender a todos, valorizando a diversidade de saberes de cada um, fruto das vivências e da experiência de vida, constitui um desafio para os professores dessa modalidade de ensino.

Apesar das suas histórias de vida diferentes, todos os alunos da EJA guardam em comum o fato de não terem conseguido estudar na infância e terem se tornado vítimas da exclusão social, da exploração do trabalho precoce, da gravidez na adolescência, de terem sido desamparados pelas leis que deveriam garantir o seu acesso à educação quando crianças ou jovens. Desse modo, garantir a qualidade da educação voltada para esse público requer uma política de valorização dos saberes que eles possuem, fruto da sua experiência de vida. Um dos grandes erros da educação de jovens e adultos é a infantilização do ensino. Ainda que sejam analfabetas ou semianalfabetas, essas pessoas carregam um profundo conhecimento do mundo que precisa ser ressignificado pela escola, e o ensino voltado para elas precisa ser mais humanitário, precisa valorizar os saberes que cada aluno possui.

O Brasil é um país profundamente marcado pelas desigualdades sociais e pela exploração dos mais pobres. A educação, durante muito tempo, foi um privilégio de uma minoria. A escola hoje precisa aprender a valorizar também os saberes não escolares, o saber universal cultivado e preservado pelos diferentes povos ao longo do tempo, a sabedoria popular, o conhecimento oral, o saber daqueles que, mesmo não dominando a escrita, aprenderam a narrar, a contar, a transmitir conhecimento, saber esse presente no senso comum, fruto do conhecimento cultivado e preservado pelas pessoas comuns. Nas histórias de vida dessas pessoas, evidencia-se a relação da aprendizagem com os obstáculos que a vida colocou nos seus caminhos, o que lhes permitiu construir sua aprendizagem não na escola, mas na relação com os outros.

O retorno à escola é marcado por uma decisão, é uma forma de cobrar um direito negado, e o ensino na EJA precisa ser pensado de forma a atender à expectativa de aprendizagem do seu público, dessas pessoas que vivenciam o fato de que a sociedade fecha as portas para aqueles que não estudaram, que não possuem um diploma. Desse modo, buscam a escola para ter acesso a outros conhecimentos que lhes proporcionem o que a vida não foi capaz de lhes dar. É a libertação que Freire discute em seus documentos. Não se trata de uma libertação de cima para baixo, imposta por outros, mas construída,

conquistada, princípios essenciais que a EJA deve considerar:

## CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

No desenvolvimento da pesquisa apresentada neste artigo, foram investigados alunos de uma turma de EJA do Educandário Roberto Figueira Santos, comunidade de Iraporanga-Iraquara, Bahia, com o intuito de identificar o conhecimento universal, construído ao longo de gerações, que pessoas simples, que não tiveram acesso ao estudo escolar, detêm. A volta para a escola revela a necessidade de aprofundamento desse conhecimento. A Educação de Jovens e Adultos também é uma forma de libertação da organização social, de garantir um direito a quem não pôde estudar na idade prevista.

O Educandário Roberto Figueira Santos está localizado na Rua Boa Vista, s/n, no distrito de Iraporanga-Iraquara, Bahia, e recebeu esse nome em homenagem ao então governador desse estado, doutor Roberto Figueira Santos. Fundado em 7 de março de 1977, funciona por resolução do Conselho Estadual de Educação nº 2X/2001, com o ato de criação: Decreto municipal nº 59, de 5/10/1976, publicado no Diário Oficial de 10 de novembro de 1978, Código 290.633.29, CNPJ 03.101.027/0001-69. Possui área total de 6.000 m<sup>2</sup>, e 1.640 m<sup>2</sup> de área construída.

Essa escola iniciou apenas com turmas de 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> séries, contando com 64 alunos e 5 professores. O 1<sup>o</sup> grau completou-se em 1978, com a inclusão da 8<sup>a</sup> série. No ano de 1982, passou a oferecer também o 2<sup>o</sup> grau. Atualmente, a escola funciona em três turnos: no matutino e no vespertino, turmas do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental II; no noturno, Educação de Jovens Adultos (EJA). A unidade necessita de melhorias em

sua estrutura física. Possui apenas doze salas de aula, uma biblioteca, uma sala de recursos multifuncionais, a sala dos professores e a diretoria; nela há ainda um espaço usado como refeitório.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A sociedade brasileira continua profundamente marcada pelas desigualdades, pela exploração e exclusão social, e a educação é um reflexo disso. Durante séculos, a escola foi privilégio de poucos, das classes mais abastadas, com tempo livre para estudar. Foi somente no período da contrarreforma católica, no século XVI, que surgiram as primeiras escolas de leitura, escrita e religião, criadas pelos jesuítas, com o objetivo de converter os indígenas ao catolicismo. Ao longo do tempo, os grupos menos favorecidos, como os negros, os pobres, as mulheres, os habitantes das zonas rurais, foram impedidos de exercer vários dos seus direitos, entre eles, o de estudar e participar das decisões políticas do país, pois não tinham direito a voto.

Esta nação, que excluiu tantos do direito à educação por tantos anos, hoje busca reparar esse dano, através de políticas públicas voltadas para garantir acesso à escola à parcela da população que não teve a oportunidade de estudar na idade prevista nem acesso ao conhecimento escolar.

Segundo a Declaração de Hamburgo, elaborada durante a V Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada em julho de 1997, os objetivos da educação de jovens e adultos estão voltados para o desenvolvimento da autonomia e do senso de responsabilidade das pessoas das diferentes comunidades, fortalecendo a capacidade de lidar com as transformações que ocorrem na economia, na cultura, na sociedade como um todo. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB)

da Educação Nacional 9.394, de 1996, no art. 37 ressalta a preocupação em garantir a continuidade dos estudos para os alunos que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo certo.

Enxergar a EJA como uma modalidade de educação que tem como objetivo reparar danos causados por um ensino excludente é muito restritivo. É de suma necessidade que os sistemas de ensino busquem a qualidade e a equidade na educação de jovens e adultos, para que estes tenham as mesmas oportunidades que os outros alunos possuem.

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastada da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos. (EJA, 2006, caderno 1, p. 4)

Mostra-se necessário não apenas disponibilizar vagas nas escolas, mas também investir no ensino de jovens e adultos, conscientizar a população analfabeta e semianalfabeta da importância do retorno à sala de aula, investir na estruturação das escolas e na formação dos professores dessa modalidade de ensino. “A aprendizagem deve ser vista como um processo complexo e global, no qual teoria e prática não se dissociam, no qual caminham juntos o conhecimento da realidade e a intervenção nela” (Amaral, 2000, p. 37).

O número de analfabetos jovens e adultos vem caindo nos últimos anos no Brasil: passou de 11,5%, em 2004, para 8,7%, em 2012, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad)<sup>1</sup>. Para que

1 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167>. Acesso em: 20 jan. 2021.

esse número continue caindo, faz-se necessário que as políticas públicas voltadas para a educação de adultos sejam ampliadas, a fim de que os jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo certo ou abandonaram os estudos tenham a oportunidade de retornar e permanecer na escola.

É reacionária a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates “ideológicos” que a nada levam. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica, mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar à outra menos injusta e mais humana. (Freire, 1996, p. 102)

De acordo com Freire, ao procurar explicitar os determinantes da situação dos analfabetos, o método de alfabetização revela ao professor pessoas submetidas à dura realidade que lhes é imposta por uma sociedade baseada nos interesses de classes. A estrutura social de dominação que predomina no nosso meio dificulta qualquer forma de participação popular. Desse modo, o método de alfabetização não pode ser apenas uma forma de capacitação pacífica da sociedade, mas um modo de participação política e social.

## **METODOLOGIA – RELATOS DE VIDA**

No trabalho apresentado neste artigo, foi adotada como metodologia de pesquisa o relato de vida de pessoas que, apesar de considerarem a educação essencial para a vida das pessoas, foram obrigadas a abandonar os estudos para seguir o curso de suas vidas. Os relatos são de homens e mulheres comuns, que iniciaram seus estudos e aban-

donaram em um determinado momento da vida. Foram recolhidos quatro relatos, de dois homens e duas mulheres, que iniciaram os estudos quando eram crianças ou adolescentes, mas por alguma razão tiveram que interrompê-los e, no ano de 2019, retornaram à escola, em classe de EJA, em busca de mais conhecimento e almejando melhores condições de vida.

O método etnográfico é uma metodologia utilizada nas ciências sociais que busca entender a cultura de uma comunidade ou grupo social. Não é possível comprovar os fatos relatados, mas a ciência revela-se na forma de interpretação da narrativa: o entrevistador não tem em mãos todos os rumos da pesquisa, é o entrevistado que dita a sua história, tal qual e como a viveu.

Describir implica de desentrañar las “estructuras conceptuales complejas” en las que basan las prácticas y las ideas y creencias de las personas en estudio, que configuran las significaciones habituales con las que transitan en sus vidas. En su mayor parte ellas no son explícitas, por lo que deben ser desentrañadas. (KORNBLIT, 2007, p. 9)

Os relatos de vida transcendem a vida particular do sujeito, alcançam também o coletivo. Embora as histórias dos diferentes sujeitos não sejam idênticas, os desafios, as conquistas, as batalhas que precisaram enfrentar ao tecer sua história de vida são comuns para uma grande maioria. Ao narrar suas vidas, os entrevistados rememoram situações vividas, revelam sentimentos, emoções, compartilham parte da sua história, seja triste ou feliz. E é neste compartilhamento que está presente a ciência no método etnográfico, que precisa ser compreendida pelo entrevistador.

Os relatos de vida que se seguem foram recolhidos em dois momentos distintos: por meio da observação da turma na classe e de

entrevista, com aqueles que concordassem, sobre o processo de ruptura com a escola. O segundo momento foi o da entrevista propriamente dita, e durou em média uma hora e trinta minutos com cada entrevistado. Foi realizada com base em um roteiro prévio de questões, embora cada um tenha ficado muito à vontade para falar e aprofundar o que considera mais relevante sobre a sua vida.

### **Entrevista com Ubirajara Félix de Santana**

Nasci em 2 de maio de 1977 em Recife, Pernambuco. Morava em uma casinha de alu-guel com meus avós. Enquanto minha mãe trabalhava como doméstica em casa de família, meu pai era pedreiro. Minha infância foi muito difícil. Passamos por muitas dificuldades financeiras. Chegamos até mesmo a passar fome. Era difícil passar a semana inteira longe de minha mãe, vendo-a somente finais de semana. Uma das poucas tradições que tínhamos em nossa família era a ceia de Natal nos finais de ano.

Ingressei na escola aos seis ou sete anos de idade, não me recordo com precisão. A escola era um lugar bom de estudar, pena que acabei abandonando cedo os meus estudos: estudei somente até a 4ª série, devo ter estudando apenas uns cinco anos. A escola era um lugar rígido, os professores rigorosos. Para passar de ano precisava saber ler e escrever de verdade, não era fácil como agora. Minha matéria favorita era a matemática, tinha facilidade em aprender a matéria. Já português eu não me saía bem precisava escrever muito e tirar as coisas do quadro, atividades que não me agradavam. Lembro-me de um colega chamado César, que era um grande amigo. Hoje não sei o que aconteceu com ele, perdemos o contato.

Desisti de estudar aos 12 anos de idade. Na época comecei a namorar e perdi o interesse por escola. Depois passei por muitas dificuldades, e a maioria delas eu atribuo ao fato de não ter estudado. A dificuldade em conseguir um emprego, o fato de ser julga-



do diariamente por não ter estudos, por ter abandonado a escola, não ter um diploma.

Hoje tenho esposa e cinco filhos. Moro no Riacho do Mel, aqui na Bahia. Exerço a profissão de cabeleireiro há dezessete anos. Ganho o suficiente para sobreviver e manter minha família. Voltei a estudar neste ano de 2019, pois tenho mais tempo para me dedicar aos estudos. As coisas são diferentes hoje na escola, mas não encontrei nenhuma dificuldade nos conteúdos. Recebi muitos incentivos de minha esposa e filhos. Percebo que sem educação a pessoa não é nada na vida.

Um adulto, mesmo depois de muito tempo, ainda tem condições de aprender assim como uma criança. Quando vi meus filhos estudando, avançando na escola e já até sabendo mais do que eu, me deu vontade de voltar a estudar. Penso em arrumar um emprego melhor, não desistir dos estudos e poder ajudar mais minha família. Hoje, além do meu emprego, gosto também de fazer artes manuais, por já ter trabalhado com marcenaria, isto me ajuda, mas não faço para vender, somente para preencher o tempo livre.

Muitas coisas me marcaram em minha vida, mas o mais significativo foi o nascimento de meus cinco filhos, do meu neto, assim como a minha volta com minha família aqui para a Bahia. Mas algo que para mim foi muito difícil foi a morte de minha avó, a pessoa que me criou.

No seu relato, Ubirajara revela que sua ruptura com a escola quando ele tinha 12 anos, na pré-adolescência, momento de despertar da sexualidade, dos primeiros namoros, em que ele perdeu o interesse pela escola. Nesse momento, ele não via sentido em estudar, mas no decorrer da vida, já adulto e com filhos, a falta de escolaridade foi um empecilho em sua vida. Teve dificuldade para encontrar emprego, pelo fato de não ter estudado, e de sustentar a família. O conhecimento de mundo adquirido por ele

foi a base para superar as dificuldades que enfrentou e manter-se junto com a família. O trabalho manual é uma tradição passada de geração para geração. A aprendizagem adquirida ao observar outras pessoas trabalhando permitiu-lhe exercer o ofício de cabeleireiro, e com a experiência esse conhecimento ampliou-se.

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher olha para trás, e enxerga a própria vida, em sua totalidade ou em uma de suas partes. (THOMPSON, 1998, p. 258)

Ao olhar para trás, Ubirajara compreende que a falta de uma educação formal impôs-lhe dificuldades na vida. Ao mesmo tempo, e apesar disso, sente-se grato por tudo que a vida lhe concedeu. O retorno à escola foi uma decisão que tomou em busca do direito à educação e incentivado pelas constantes mudanças no meio social.

#### **Entrevista com Vilza Maria de Santana**

Meu nome é Vilza Maria de Santana. Nasci aqui em Iraporanga, no dia 20 de agosto de 1987. Minha casa era uma casa pobre de pau a pique, apenas um quarto e uma sala. A vizinhança era formada apenas por três casas e um barzinho, no bairro do Gato. Na época minha mãe trabalhava na apanha de café e em casas de família. Meu pai morava em São Paulo, nem cheguei a conhecê-lo. Na minha infância, passei por muitas provações. Posso dizer que quase não tive infância, minha mãe bebia muito, passávamos necessidade e fome, contávamos com a ajuda de pessoas caridosas da comunidade. Na minha casa nunca tivemos comemorações ou cultivamos tradições. Algo que recordo com saudade era de meu avô materno, com quem morávamos, que costumava nos reunir, eu e meus irmãos, e ele nos ensinava as coisas, nos reunia para

contar histórias, as brincadeiras da infância chicotinho queimado, brincadeira de roda no terreiro de casa.

Eu ingressei na escola aos 9 anos de idade. Lembro-me dos professores, da diretora, que na época era Wanderlina, e das brincadeiras de escola, que me alegravam bastante. Eu estudei até a 5ª série. A escola era boa, os alunos respeitavam as professoras e os colegas. Na época, eu gostava das disciplinas de português e história, porque íamos para a frente do quadro para ler e gostava de conhecer a história de outros tempos. No entanto, a matemática e ciências não entravam em minha cabeça.

Meus tempos de escola, apesar de terem sido poucos, me marcaram muito. Lembro-me de colegas como Monique, Mônica e Fabiano, que eram pessoas muito boas comigo. Na época, eu não levava merenda para a escola, pois não tinha condições, e eles sempre repartiam comigo. Hoje, alguns deles foram para São Paulo, têm seus empregos; outros se formaram, estão trabalhando em Iraquara.

Eu desisti de estudar aos 11 anos de idade, no ano 2000, quando me tornei mãe de meu primeiro filho. Mãe solteira. Na época, ou eu estudava ou trabalhava para sustentar meu filho. Era tão nova que não sabia se cuidava da criança ou trabalhava, não tinha ninguém para cuidar dele. Depois disso, minha vida foi só trabalho, alguns fáceis, outros muito difíceis. Com oito meses de parida fui para Feira de Santana e deixei meu filho com minha mãe para trabalhar em casa de família. Não foi fácil a vida de uma mãe pré-adolescente em uma cidade grande, mas graças a Deus encontrei algumas colegas que me deram abrigo.

Hoje tenho cinco filhos, sou solteira. Meus filhos são a razão de minha vida. Quando estou triste, abatida, eles chegam fazendo graça e me fazem sorrir, e alegram meu coração. Continuo trabalhando para sustentá-los, lavo roupas para fora, trabalho na apanha de café e tomate. Trabalho para mim nunca foi problema, trabalho desde os meus 8 anos de

idade, quando minha mãe já me levava para trabalhar com ela. O que ganho é pouco, mas graças a Deus dá para manter minha família com o básico.

Voltei a estudar neste ano de 2019. Meus filhos me incentivaram a voltar para a escola. Falei para eles que eu já estava velha demais, que não aprendia mais nada, mas eles me incentivaram. Quando estou desanimada e cansada, o mais velho chega a casa e diz: “Mãe, já está na hora de tomar banho para ir para a escola.” Eu me animo e vou para a aula. No início demorei em me acostumar, por causa do barulho dos colegas, principalmente os mais jovens. Eu gosto da escola, de aprender a matemática, principalmente para não passar vergonha na hora de contar as moedinhas que a gente consegue. Mas, pra mim, “o tempo de aprender é quando se é criança, que está com a cabeça fresca, o adulto já tem muita coisa na cabeça”.

Uma das coisas que eu tenho vontade é de me formar, terminar o colégio. Eu costumo fazer artesanato com garrafa pet, fuxico para fazer tapetes, mas não faço para vender, somente para uso doméstico. As coisas que mais me marcaram na vida foi ser mãe, que foi uma das maiores experiências que já experimentei. Foi difícil, mas venci. Hoje já consegui minha casa própria com fogão, cozinha e um banheiro. Uma grande conquista para mim. Outra grande alegria em minha vida foi a volta de meu irmão para nossa família e estarmos todos juntos de novo. São pequenas alegrias que vamos construindo no dia a dia.

No relato de vida de Vilza é possível perceber um profundo sentimento de abandono, quando, aos 11 anos de idade, ficou grávida do primeiro filho, com mãe alcoólatra e sem pai presente para ampará-la. Ao olhar para o passado, relembra com saudades a escola, os colegas que a ajudavam. Apesar da importância desse espaço para ela, precisou abandoná-lo para criar o filho. Esse relato revela graves problemas sociais: gra-



videz na adolescência, trabalho infantil, alcoolismo, violência contra a mulher. Vencer todos esses desafios e ter o desejo de voltar a estudar, com o incentivo dos filhos, já crescidos, revela superação, e a escola não deve deixar de levar isso em conta ao formular o seu currículo.

Segundo Ibáñez (1991) “recuperar a la vez lo que hay de subjetivo en el objeto y lo que hay de objetivo en el sujeto. Marx oponía socialismo científico a socialismo utópico: el primero es demasiado objetivo, el segundo demasiado subjetivo” (p. 46). Para o autor, é na relação entre o subjetivo e o objetivo, presente entre o entrevistador e o entrevistado, que está a beleza da pesquisa e da ciência na investigação social. A subjetividade fica evidente na entrevista. A entrevistada revive um momento difícil e complexo de sua vida, lança um olhar para trás que a faz compreender que precisou agir com maturidade quando ainda tinha tão pouca idade. O entrevistador deve visar a objetividade, a veracidade dos dados colhidos, e não deve permitir que as emoções diante dos fatos relatados façam que se desvie do seu foco o objeto ou sujeito da sua investigação.

#### **Entrevista com Gildson Ramos de Sousa**

Me chamo Gildson Ramos de Sousa. Nasci em Iraporanga, em 28 de abril de 1965. Minha casa era humilde, mas nunca me faltou nada. Meu pai trabalhava como vaqueiro de meu avô, que na época era um homem muito rico. O lugar onde nasci e cresci era humilde, mas muito aconchegante. Tínhamos um quintal muito grande onde costumávamos brincar. Eu fui o primeiro neto, então meu avô me dava de tudo, não deixava faltar nada em casa. Minha mãe era dona de casa, mais tarde ela voltou a estudar e se tornou professora na escola da comunidade. Recordo-me que as coisas que mais gostava em minha infância eram as festas juninas, as fogueiras e os batizados.

Ingressei na escola aos 13 anos de idade. A escola era um lugar maravilhoso. A diretora era Maria Torres e o sr. Robson Ribeiro. Celebrava o dia 7 de setembro, e eu gostava de me vestir de índio, o índio Arariboia. Até hoje isso me influencia. Gosto de plantas da natureza por causa desse tempo. Estudei pouco tempo, somente até a 5ª série, mas não por falta de condições, pois minha mãe e meu pai sempre me incentivaram. Comecei a trabalhar no Projeto Sertanejo. Depois que o projeto terminou eu fui para São Paulo estudar mecânica, pois era meu sonho. Fiz um curso profissionalizante e exerci a profissão em São Paulo. Quando eu estudava, gostava de artes e português, eram as disciplinas que eu gostava de aprender. Já a matemática eu não gostava, pois precisava de dedicação e mais estudos. Como na época eu queria ter mais tempo para brincar, não me saía bem.

Dos meus colegas de escola daquela época, todos abandonaram a escola, pois eram tempos difíceis e a escola era paga. A escola pública, só tempos depois. Acredito que eu deva ter desistido de estudar há mais de trinta anos. Fui para São Paulo, em busca de emprego. As dificuldades que a falta de estudos me fez passar foram principalmente na hora de conseguir emprego, pois em alguns setores o ingresso precisava de provas e de redação. Se fosse reprovado na prova não conseguia a vaga.

Hoje eu tenho quatro filhos, estou solteiro e já tenho dois netos. Trabalho como jardineiro pela prefeitura de Iraquara e conserto aparelhos eletrônicos. Também gosto de trabalhar na roça. O que ganho dá para sobreviver.

Voltei a estudar neste ano de 2019. Encontrei algumas dificuldades nas disciplinas de inglês e matemática. Estou também com problemas de vistas, por isso fica difícil estudar à noite. O que me motivou a voltar a estudar foram as mudanças do mundo, as transformações, e sei que preciso ajudar meus filhos e netos. A educação no Brasil mudou muito, mas a gente consegue enxergar alguns pontos que precisam de melhoras, as crianças

estão precisando de educação que vem de casa.

Acredito que a gente aprende em qualquer idade, quando a gente tem humildade e se abre à aprendizagem. Eu gosto das aulas, fico ansioso para chegar o horário de ir para a escola. Desejo me preparar para defender minha família e aqueles que precisam de mim. Eu sou uma pessoa que, mesmo morando no interior, gosta de acompanhar as autoridades federais, estaduais e municipais, gosta de investigar para evitar abusos de poder na minha cidade e no meu estado.

Eu já passei por muitas coisas na vida, mas os fatos que mais me marcaram foram quando consegui me livrar da bebida, já fui alcoólatra, a partir de um voto a Nossa Senhora das Graças. Separei-me da minha primeira esposa, que era uma mulher de que eu gostava muito. Outro fato muito marcante na minha vida foi quando o presidente Fernando Collor de Melo confiscou as poupanças de todos os brasileiros. Na época eu estava desempregado, com uma filha pequena. Eu passei muita precisão e dificuldades, achei que nunca mais eu viria à minha Bahia de novo.

No seu relato, Gildson revela ter abandonado a escola por vontade própria, não por falta de incentivo dos pais ou de condições financeiras. Foi movido pelo desejo de ter o seu primeiro emprego, no Projeto Sertanejo<sup>2</sup>, uma política pública do governo federal que visava o desenvolvimento do Semiárido. Depois foi para São Paulo em busca de trabalho e de melhores condições de vida, como milhares de outros brasileiros que, como ele, deixaram o campo e foram para a cidade. No seu relato Gildson fala do seu sonho de estudar mecânica, que poderia realizar na cidade grande, mas não seria possível

na sua terra natal. Outros acontecimentos da vida dele, como a constituição de uma família, as dificuldades para se manter, o alcoolismo, a vontade de retornar à sua terra, a Bahia, remetem ao papel da Educação de Jovens e Adultos de trabalhar projetos de vida, permitindo ao jovem e ao adolescente encontrar na educação uma base para estruturar sua vida no lugar onde vive. Remetem também à necessidade de uma política de investimento em cursos técnicos para atender à demanda de criação de emprego e renda para aqueles que não têm interesse ou condições de buscar o ensino superior.

Esses relatos, de pessoas simples, são carregados de significado e importância tanto para os educadores como para as instituições de ensino, pois reforçam a necessidade e a importância dessa modalidade de ensino para essas pessoas. Rancière, no livro *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual* (2018), escreve que é necessário ser sábio para julgar o trabalho e verificar a ciência do aluno; não defende o professor ignorante, mas aquele que se faz de ignorante para valorizar a capacidade do aluno de pesquisar, investigar, obter respostas. Assim como os estudantes da EJA trazem um profundo conhecimento de mundo, que não pode ser ignorado pelos educadores e pela escola, o autor propõe que o educador precisa se fazer de ignorante para promover outros conhecimentos, como o conhecimento oral, muitas vezes silenciado pela sociedade. “De que manera el maestro ignorante puede instruir tanto al sabio como al ignorante: verificando que busque en forma continua quien busca, siempre encuentra” (RANCIÈRE, 2018, p. 65).

### Entrevista com Luzia Souza Santana

Meu nome é Luzia Souza Santana. Nasci aqui mesmo, no Riachão, município de Lençóis, em 1993 (tenho hoje 35 anos), onde moro

2 Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/51872-dispue-sobre-a-cria-uuo-do-programa-especial-de-apoio-ao-desenvolvimento-da-regiao-semi-arida-do-nordeste-projeto-sertanejo.html>.

até os dias de hoje. Meus pais trabalhavam na roça, no cultivo de café e mandioca. Recordo-me bem da minha avó por parte de pai, com quem convivi muito e aprendi muita coisa; não cheguei a conhecer os meus avós maternos.

Entrei na escola aos 7 anos de idade. Tenho poucas lembranças deste tempo, pois estudei muito pouco, mas era um tempo bom, me divertia muito, principalmente com as brincadeiras de roda. Estudei uns cinco anos e tive que parar, pois precisava ajudar minha mãe nos trabalhos da roça. Ela nos levava para complementar as despesas com nossa renda, eram tempos muito difíceis.

Na escola eu gostava de português, mas achava a matemática muito difícil. Meus colegas de escola, alguns foram embora para São Paulo, outros se casaram ou se formaram. Na minha comunidade só tinha escola até a 5ª série, para continuar estudando tínhamos que ir para outra localidade. Por não ter estudado, sofri muitos preconceitos. Quando surgia uma vaga de emprego e a gente se candidatava à vaga, as pessoas faziam pouco da gente. Hoje sou uma mulher casada, mãe de família, tenho três filhos. Meus filhos são tudo para mim. Continuo trabalhando na roça, ganho pouco, mas o que ganho dá para ir levando a vida.

Voltei a estudar neste ano de 2019. Percebi que eu precisava aprender mais. Não encontrei dificuldades neste retorno para a escola, mas percebi que algumas coisas na escola estão bem diferentes do tempo que eu estudava. Sei que a educação é um bem, a pessoa que tem estudo sabe mais coisas, as coisas ficam mais fáceis. Percebo também que, mesmo sendo uma adulta, ainda tenho capacidade para aprender. Vejo que sei muito pouco, quero aprender a ler e escrever melhor. Sem estudos, conseguir um emprego melhor é muito difícil. Quando a gente estuda, as coisas podem ficar mais fáceis. Já trabalhei em uma escola como merendeira, hoje faço faxina. Só não sou mais feliz pois não tive a oportunidade de ter estudos, mas voltei a estudar neste ano de 2019, e não

pretendo parar, quero aprender mais, estudar é muito importante.

No seu relato de vida, Luzia traz as lembranças da escola, a necessidade de abandonar os estudos para trabalhar e ajudar a mãe a complementar a renda familiar. Na infância, o trabalho aparece no relato como uma necessidade de sobrevivência. Na vida adulta, aparece o preconceito: a falta de escolaridade faz que uma vaga de emprego lhe seja negada. Para a entrevistada, a escola e a educação formal são meios de conseguir um passaporte para as exigências da sociedade moderna. A volta para a escola e a retomada dos estudos são uma forma de ter de volta o que lhe foi tirado ainda na infância.

Na Declaração de Hamburgo sobre educação de jovens e adultos há uma profunda verdade sobre a sabedoria popular dessas pessoas: “Nunca devemos esquecer que o analfabetismo não é sinônimo de ignorância. A sabedoria, julgada por minha própria experiência, pode ser encontrada mais facilmente entre os não instruídos do que entre os outros” (UNESCO, 1999, p. 14).

Muitos homens e mulheres todo dia acordam cedo para trabalhar nas mais diversas ocupações. Muitos realizam um trabalho braçal na lavoura, permanecendo o dia inteiro sob o sol, e à noite vão para a escola. Uma escola para essas pessoas precisa ter um currículo mais humanizado, que valorize o conhecimento de mundo que possuem. São pessoas que já compreenderam, com a própria experiência, que o conhecimento de mundo que possuem, embora importantíssimo, não foi suficiente para a sua vida. Exigem ainda mais de si mesmas, buscando na escola a oportunidade de conseguir mais conhecimentos e ter mais oportunidades.

## CONCLUSÃO

Os relatos reafirmam que cada ser humano

traz dentro de si o conhecimento acumulado por todas as gerações que os precederam, o conhecimento transmitido entre as pessoas do meio em que vive, tão importante quanto aquele registrado nos livros, ensinado nas escolas.

Ubirajara, Vilza, Luzia e Gildson contam em seus relatos fatos da sua vida dentro e fora da escola, as dificuldades financeiras que enfrentaram, a dificuldade dos pais para conseguir colocar comida na mesa, de cuidar de um bebê quando ainda eles mesmos eram criança, a necessidade de trocar os livros pelo trabalho, o alcoolismo e suas consequências na vida das famílias. Neles há material de sobra para estudo e pesquisa. O conhecimento que os relatos de vida revelam não é o que foi aprendido nos livros, na escola, mas no dia a dia, diante das dificuldades enfrentadas, obrigando as pessoas a se reinventar a cada dia para conseguir sobreviver.

A vida de cada um é carregada de desafios, mas também de aprendizagens que foram adquirindo para superá-los. Os relatos referem também a momentos difíceis que o país viveu. Gildson menciona o confisco das poupanças pelos bancos no ano de 1990, a falta de emprego, as dificuldades enfrentadas pela população, rememorando um momento da história do Brasil de planos fracassados para salvar a economia, sacrificando a população. Ele fala das dificuldades que enfrentou por não conseguir emprego nem poder usar o dinheiro da poupança. Esse relato se aplica a todas as pessoas que tiveram suas poupanças confiscadas nesse período e que enfrentaram sérias dificuldades, até mesmo fome.

Na sua entrevista, Vilza relata que abandonou a escola quando engravidou, com 11 anos de idade, para trabalhar e sustentar o filho. Certamente foram muitos e terríveis

os desafios que teve que enfrentar, assim como foram inúmeras as aprendizagens que precisou construir para sobreviver e criar os filhos. O seu relato traz uma realidade extremamente dura para as mulheres no Brasil para todas aquelas que sofreram e sofrem violência sexual, experimentam a gravidez na adolescência, trabalham desde crianças, vivenciam o abandono dos filhos pelo alcoolismo. Um conhecimento de mundo extremamente amplo e profundo, adquirido com a experiência de vida.

No seu relato, Ubirajara menciona a exclusão social, a dificuldade de conseguir um emprego para quem não estudou, o preconceito que sofre por não ter estudado, o julgamento a que é sujeito diariamente por não ter estudado, de tal modo que ocorre uma inversão: a vítima torna-se o culpado. O seu relato expõe uma de mais sombrias realidades da sociedade brasileira: a exclusão que atinge muitos, que ainda se sentem culpados por não conseguirem se amoldar aos padrões sociais exigidos.

O relato de Luzia menciona o trabalho infantil, uma realidade ainda muito presente no país, tanto no meio rural como nos centros urbanos, que obriga muitas crianças a trabalharem para complementar a renda familiar. Ela fala também do preconceito e da discriminação sofridos pelas mulheres que não têm estudo. Problemas sociais que revelam a realidade de uma parcela substancial da população brasileira, dilemas que não ficaram no passado, que ainda são enfrentados por muitas pessoas.

Em todos os relatos de vida colhidos os protagonistas veem-se em uma situação de escolha entre enfrentar e aprender ou desistir e se entregar. Em todos eles aparecem pessoas que escolheram enfrentar o inesperado e aprender, apesar das dificuldades desumanas que enfrentaram, que superaram

os problemas, construíram novas aprendizagens e seguiram em frente.

O retorno à escola, para essas pessoas, é um ato de superação. Já são pessoas amadurecidas, vividas, conhecedoras das mais adversas situações de vida. Nesse momento da sua existência, o estudo possui um significado diferente daquele da época em que eram crianças ou jovens e tiveram que abandonar a escola, visa driblar as barreiras impostas pela sociedade.

Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos precisa prever, em seu currículo, a valorização dos saberes universais que cada um possui, dos Seus conhecimentos, muitas vezes carregados de sofrimento e de desafios vencidos. Para isso, os temas integradores, como direitos humanos, saúde, educação ambiental, educação financeira, projeto de vida, não podem faltar no currículo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. EJA (caderno 1). **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, alunos e alunas da EJA**. Brasília, 2006. v. 1.

BRASIL/MEC. **Proposta curricular para a Educação para Jovens e Adultos (1º e 2º segmentos do ensino fundamental)**. Brasília: MEC; São Paulo: Ação Educativa, MEC/SEF, 1997.

BRASIL/MEC/FNUAP. **Diretrizes para uma Política Nacional de Educação para Jovens e Adultos**. Brasília, 1994.

BRASIL/MEC/FUNDAÇÃO EDUCAR. **Reflexões teóricas e metodológicas sobre Educação para Jovens e Adultos**. Brasília, 1986.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Pau-

lo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

IBÁÑEZ, J. **El regreso del sujeto: la investigación social de segundo orden**. Santiago, Chile: Amerinda Casilla, 1991.

KORNBLIT, Ana Lia. Introducción. In: KORNBLIT, A. L. (coord.). **Metodologías cualitativas en ciencias sociales**. Modelos y procedimientos de análisis. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Biblos. (Metodologías), 2007. Disponible en: <[http://metodos-avanzados.sociales.uba.ar/wp-content/uploads/sites/216/2014/04/Kornblit\\_A.pdf](http://metodos-avanzados.sociales.uba.ar/wp-content/uploads/sites/216/2014/04/Kornblit_A.pdf)> Acceso en: 5 dez. 2020 .

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. Abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. CASTRO, Paula Almeida de. (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos [on line]**. Campina Grande: Edworb, 2011. p. 49-83. ISBN 978-857879-1902. Available from SciELO Books.

RANCIÈRE, Jacques. **El maestro ignorante**. 1. ed. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Edhasa, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad. Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 144p. (Educação: Experiência e Sentido, 1).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

UNESCO – V CONFINTEA. **Declaración de Hamburgo sobre la Educación de Adultos y Plan de Acción para el Futuro**. Hamburgo: UIE/Unesco, 1997. (Resoluciones de la V Conferencia Internacional sobre Educación de Adultos, 1997).

UNESCO. V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (Hamburgo, Alemanha, 1997). In: **Declaração de Hamburgo, agenda para o futuro**. Brasília, 1999. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114>> Acesso em: 4 dez. 2020.

*Recebido em: 14/02/2021  
Aprovado em: 23/02/2021*